

A INCLUSÃO DO DEFICIENTE FÍSICO ATRAVÉS DO ESPORTE E O PODER DA AUTOIMAGEM

PORTES, Thales Thiago de Moraes Alves¹

MONTEBUGNOLI, Norma Ornelas²

RESUMO

Com o passar dos anos, notou-se cada vez mais a presença de pessoas com algum tipo de deficiência integradas à sociedade, seja ela no mercado de trabalho ou até mesmo no meio esportivo, tais como academias, clubes e no meio desportivo profissional. A ideia de que são frágeis e totalmente inválidos e até mesmo anômalos, hoje em dia já não existe mais. Com base nisso, o objetivo da pesquisa foi investigar por meio de uma revisão de literatura como era a vida, costumes e crenças em torno das pessoas julgadas incapazes de terem o direito de viver, contando a história da pessoa com deficiência física, desde a pré-história até os dias atuais, relatando percalços existentes da época até o início de uma nova era, com a inclusão dos mesmos à sociedade. Diante disso, notou-se que um corpo frágil, julgado por muitos por ser diferente, pode sim, ter uma vida normal com base em programas de treinamentos individualizados e atendendo as necessidades de cada um, devolvendo assim a pessoa com deficiência física a autoestima e o vigor físico para a realização das atividades diárias. Para tanto, sugere-se que novos estudos sejam feitos, para que se tenha uma base mais fundamentada e clara referente a pessoa com deficiência física.

Palavras chaves: Deficiência Física; Esporte; Autoimagem; Inclusão

1. INTRODUÇÃO

Com o passar dos tempos, pessoas com algum tipo de limitação acabaram se tornando muito mais ativas, até mais do que pessoas dito como “normais”. A prática de atividade física se tornou algo fundamental tanto para a promoção da saúde dos mesmos, quanto à elevação da autoimagem, uma vez que, antes eram denominados até como coitados, expressão essa que não condizia por serem pessoas ativas. Infelizmente ainda existe um pré-conceito na

¹ Graduando do Curso de Educação Física da Fira-Faculdades Integradas Regionais de Avaré-18700-902-Avaré- SP. e-mail t_thg2@hotmail.com

² Orientadora Professora Titular da Fira-Faculdades Integradas Regionais de Avaré -18700-902 – Avaré - SP - Brasil - Mestrado em Ciências da Motricidade pela Unesp-Rio Claro. e-mail normamontebugnoli@gmail.com

abordagem dessa população, talvez pelo fato de ser algo ainda novo, ou mesmo pelo despreparo de profissionais acerca dessa área profissional.

O fato é que, com o aumento dessa população nos últimos anos, e nesse quadro atual, pós-pandemia o mercado *fitness* está tomando uma proporção gigantesca, rumo a inclusão de pessoas com deficiência, nesse caso, mais especificamente abordando a deficiência física, que tudo indica que será uma das maiores apostas para um futuro bem próximo. Sendo assim, torna-se fundamental que as academias e clubes estejam altamente preparados, com profissionais capacitados para oferecerem às pessoas com deficiência, o pleno direito a inclusão social.

O principal objetivo do estudo foi analisar a inclusão do deficiente físico na sociedade através do esporte e o poder da autoimagem diante dos percalços existentes na realização das atividades diárias.

A pesquisa foi desenvolvida por meio de revisão de literatura, utilizando fontes acadêmicas como, artigos científicos, literatura impressa e virtual, entre outras fontes, (RICHARDSON, 2010).

Tendo isso como uma previsão futura foi analisado possíveis lacunas existentes na literatura, tais como as seguintes inquietações: Como o deficiente físico poderá adquirir por meio do treinamento a auto independência, auxiliando assim, a sua melhora na locomoção no seu dia-a-dia? E com as diferentes práticas de atividades, se sentirá apto a realizá-las? É possível proporcionar ao mesmo, maior elevação da autoestima? Essas entre outras subsequentes dúvidas serão abordadas e discutidas acerca da temática em pauta.

Perante todo esse contexto será mencionado, um breve histórico da pessoa com deficiência física desde os tempos longínquos até os dias atuais e as dificuldades encontradas ao longo desse processo inclusivo, pontuando os principais avanços no período histórico.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PERCURSO HISTÓRICO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA FÍSICA

Ao longo das civilizações, constatou-se que as pessoas com deficiência já geravam inúmeros questionamentos decorrentes da população, que muitas vezes, direcionados a sua patologia do que a própria pessoa em si, com relação ao que possuía. De acordo com a cronologia descrita por Silva (1986), que evidencia uma passagem por meio dos tempos, desde a pré-história, Idade média, história moderna e por fim da era contemporânea, a pessoa

com deficiência sempre foi vítima de extermínio, exclusão, segregação e a integração que foi um marco na evolução e mais tarde começou a ser defendida por políticas de inclusão.

Nos períodos rudimentares, onde o homem primitivo com aspectos de vida nômade, sequer dominava a arte da escrita, os antropólogos, arqueólogos e profissionais análogos, constatarem como uma incógnita a subsistência de pessoas com deficiência, em razão de não acharem resquícios precisos sobre, tornando-se difícil afirmar um parecer sobre as concepções culturais de aceitação ou rejeição que flutuavam sobre indivíduos nascidos com algum tipo de deficiência.

O que se pode assegurar é que após um certo tempo o homem primitivo que tinha um cotidiano multívago conseguia fazer da sua natureza geográfica um espaço para sua estadia mais longa, sendo assim apto para o manejo de certos animais da época, fazendo e controlando o fogo, e cultivando a terra para a aquisição de alimentos. Certas habilidades necessitavam de pessoas sãs para o manuseio de cada função, isto é, aptas às atividades diárias da época, com preparo físico resistente e coordenação motora específica, por isso desde então os que eram ao contrário deste nível de utilidade eram tidos como inúteis à atividade em grupos (SILVA, 1986).

Já na antiga Grécia, duas cidades chamavam atenção pela sua filosofia *zeitgeist* (termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos), significa, mais especificamente, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo.

Em Atenas, foi constatado, um detalhado resgate histórico sobre PCDs (pessoa com deficiência), mencionado por Aranha (1995), Fonseca (1995) e Pessoti (1984), que após o nascimento, fosse constatado alguma anormalidade física que diferenciava o mesmo dos padrões da época, cabia ao seu ancestral cometer o filicídio, sem que isso tivesse a ele rejeições sociais.

Em Esparta que se assemelhava ao ato de rejeição, permitia que as crianças do sexo masculino fossem separadas para o ofício bélico e as meninas aos afazeres domésticos, submetendo-se a imposição dos cidadãos saudáveis, portanto a morte permitida de bebês atestados como deficientes pela hierarquia local não era desobedecida (FONSECA, 1995).

A resistência e sobrevivência de pessoas com deficiências naquela época, na qual, os registros apontavam esse acontecimento, escritos por filósofos memoráveis como Platão em "A República" (1990) e Aristóteles em "A Política" (1995), que exercendo notável influência

ao pensamento da época, indicavam a rejeição aos que nasciam com diferentes anomalias e assim sendo sujeitados a morte nas primeiras horas de vida.

Roma, as ações excludentes para com os nascidos deficientes na época eram tidas como naturais, porém um detalhe chama atenção na lei imposta na execução, já que filhos de nobres passaram a ter sua vida respeitada, todavia, os que nasciam à margem da pobreza eram destinados ao mercado de aberrações onde eram comercializados e expostos com seus corpos anômalos, atividade comum nos famosos circos de horrores (PESSOTI, 1984).

Ainda pelos ares europeus no período de economia feudal, evidencia que:

Após a decadência da estrutura imperial romana, datado aproximadamente a partir do século IV, as camadas sociais sofreram alterações para o clero (líderes religiosos), os senhores feudais (guerreiros), os servos (maior parte pobre da população), devendo esta última classe ser explorada para sustentar os de hierarquia maior (SILVA, 1986, p. 6 e 7).

Com isso, notou-se que o extermínio de pessoas anômalas já não era tão cometido, sendo assim, os identificados diferentes dos demais sobreviviam em condições submissas. A sociedade feudal tornou-se permissiva com a questão da deficiência, pelo fato de culturalmente permanecer mergulhada nessa forte crença sentenciosa, implantada pelo Cristianismo no século XII, que pregava a aceitação do próximo e amor aos cristãos, julgados como diferentes, entretanto, exigia que a entidade honrasse pelo espírito sacro, sendo demonizados aqueles que apresentavam distúrbios mentais, devendo ser revertido a divindade e sarados seus males, assim em uma incompatível situação ora eram expostos como crianças de Deus, ora eram vistos como possuídos pelos espíritos do mal (FONSECA, 1995).

Outro destaque sobre essa história, é a segregação, onde a separação ficou evidente, as pessoas com deficiência eram eliminadas ou tiradas do convívio mútuo e colocadas em locais com diferenciações dos que tinham doenças infectocontagiosas ou sofriam com alguns transtornos psicopatológicos.

Assim, surgiram os primeiros locais de isolamentos no início da Idade Média, abrigos, hospitais e prisões, onde a manutenção basicamente era arrecadada com obras da igreja e caridades, entretanto todas as instituições não possuíam estrutura de saneamento adequado, permanecendo em questionamento constante sobre a veracidade à condição de necessidades especiais do próximo. Na época, existia área apropriada, para a permanência de pessoas deficientes consideradas como pessoas desfavorecidas, porque então continuavam sendo vistas mendigando, vagando pelas ruas? Essa conclusão colocava em xeque a incoerente

eficácia das instituições, de não haver espaço para todos nestes locais, denominados filantrópicos e com possibilidades insignificantes de se subsistir com qualidade.

Aranha (2001), evidencia que ao longo do tempo o clero perdeu o predomínio devido a revolução burguesa, surgindo assim o capitalismo, assim as cidades denominadas de burgos, apresentaram crescentes trocas comerciais e urbanização, em que artesãos se reuniam para fabricar produtos, e com o resultado progressivo da arte de confecção geravam um grupamento organizado de manufatura.

A produção burguesa desenvolveu-se bastante, mas logo esbarrou-se com uma linha de produção incapaz de suprir a alta demanda, surgindo assim a produção em larga escala e em menor tempo, com ajuda de máquinas industriais, dando assim início a revolução industrial, já no século XVIII. Desta maneira, a supremacia econômica e política desarticulou-se concentradamente para os investidores capitalistas, condizendo assim a pessoa com deficiência em outro panorama e mais uma vez com outra significação de sua especificidade.

Os indivíduos naquele momento tiveram que deixar os campos para se adequar nos centros urbanos, enxergando assim, impedimentos para a inclusão, porque o novo horizonte de dominação econômica carecia de pessoas funcionais, ou seja, de acordo com a deficiência que os limitavam, as mesmas não podiam ser empregadas.

Perante essa circunstância, mais uma vez, predominava-se a segregação, mesmo não havendo mais a demonização sobre as pessoas com deficiência, elas permaneciam com seu direito de viver, mas com uma condição de vida minguada, sendo assim comum que virassem mendigos. Com o passar dos séculos, incontáveis foram os aspectos de expansões territoriais, trocas de regimes políticos, humanização da escolaridade, universalização dos direitos humanos e avanço da ciência, principalmente esta, que de forma vigorosa determinava uma flexibilização enorme quanto ao olhar não só para deficiência, mas para as pessoas portadoras de qualquer tipo de imperfeição.

A ciência teve um papel imprescindível na desmistificação de vários preconceitos ao corpo deficiente, corrobora Fonseca (1995) que no século XIX nos precursores estudos destinados a deficiência, sobretudo intelectual, surgiram nomes de respeitáveis profissionais da área da saúde, como; *Esquirol, Itard, Wundt, Ireland, Duncan, Down, Galton*, entre outros.

Estudos a partir destes médicos ampararam fortemente as tentativas de melhorar a condição vital e com respostas abrangentes sobre as referências epidemiológicas, considerado não só a causa natural ou orgânica, mas também o ambiente em si. A inclusão social, ganhou

importância também em virtude do desenvolvimento da psicometria e da aferição da saúde antes e após combates das grandes guerras existentes entre as nações.

Neste intervalo de tempo, como relata Aranha (1995), países como os Estados Unidos, já no século XX, deram uma atenção especial ao diagnóstico e tentativa de tratamento, pois em virtude das batalhas, muitos soldados retornavam mutilados e com funções intelectuais comprometidas, devido aos acidentes e transtornos vividos nos campos de batalha.

Nesse âmbito, os mesmos estiveram nos centros de pesquisas científicas gerando assim um fenômeno que auxiliou no desenvolvimento do senso de discordância da sociedade, surgindo assim esclarecimentos e choques às convicções e ou infâmia corporal que pairava de século em séculos.

Foi com a comprovação da ciência e também com alguns movimentos sociais que a deficiência e o corpo dessemelhante fossem da integração para a inclusão. Com tantos preconceitos entre outras punições sofridas ao corpo, ao caminhar da história surgiram legislações que valorizaram e deram direitos a integridade corporal e existencial a essa população, com um importante respaldo na Constituição Federal de 1988, no Sistema Único de Saúde (SUS), com a municipalização dos atendimentos considerados básicos: os atendimentos especializados no trâmite educacional foram respaldados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96- LDB); na área social, foi criada a Lei Orgânica de Assistência Social (Lei 8.742/93- LOAS) que teve como destaque mudar o tipo de atendimento, ao excluir o modelo assistencialista.

Mais do que notável que o corpo considerado anômalo no passado, hoje em dia tem notoriedade para se mostrar como realmente é, tendo a capacidade de fazer coisas que a sociedade antiga definia como incapaz, mergulhados em padrões de estética e funcionalidade ultrapassados. Embora muita coisa foi feita a respeito do corpo doutro (no meio físico, habitacional, no transporte, serviços sociais e de saúde, esporte recreação e cultura) pode-se dizer que esse processo de inclusão permanece muito ativo e em uma construção constante.

Dados estatísticos revelam que o número de pessoas com algum tipo de deficiência vem aumentando, sendo principalmente as lesões traumáticas, decorrentes de acidentes automobilísticos, armas de fogo e acidentes de trabalho. Com isso, será destacado a importância da atividade física de uma maneira geral, tanto na recuperação como na ajuda para retornar as atividades diárias o mais rápido possível, minimizando assim, possíveis sequelas.

2.2 EVOLUÇÃO DO ESPORTE ADAPTADO MUNDIALMENTE

A inclusão de pessoas com algum tipo de deficiência surgiu fortemente após a segunda Guerra Mundial, aonde soldados voltavam com algum tipo de seqüela física, cognitiva e ou psicológica, devido as batalhas. Com isso, enfrentaram uma grande barreira, ao retornarem para seus países de origem, sofrendo novamente com o descrédito de inaptidão. A reabilitação tinha como objetivo minimizar as consequências causadas pela guerra (ARAÚJO, 2011).

Nesse sentido, na cidade de *Aylesbury*, Inglaterra, foi inaugurado o Centro de Lesados Medulares do Hospital de Stoke Mandeville, que tinha como diretor o neurocirurgião *Ludwig Guttmann*, considerado o precursor do esporte adaptado (COSTA; SOUSA, 2004). Ele e seus colaboradores inseriram a prática esportiva no programa de reabilitação, como forma de motivar os pacientes a prosseguirem com o tratamento e a melhorarem as suas condições físicas, psicológicas e sociais (GUTTMAN, 1967; DARCY; LEGG, 2016).

Com base nisso, as atividades esportivas surgiram como forma de uma reabilitação, fazendo com que os pacientes portadores de algum tipo de deficiência física olhassem mais para si, e entendendo que um corpo diferente não os difere dos demais e assim dessem continuidade aos longos tratamentos nos centros de reabilitação. A partir daí o esporte adaptado surge como forma de tratamento e reabilitação, e assim começam a se espalhar pelo mundo, como forma de tratamento e várias demonstrações de práticas esportivas, tais como, jogos entre deficientes.

Os efeitos positivos dessa prática motivaram *Guttmann* a organizar em julho de 1948, para coincidir com a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres, uma demonstração de arco e flecha entre os dezesseis pacientes de *Stoke Mandeville* e do *Star e Garter Home 5*, ambos localizados no Reino Unido (MARQUES et al, 2013). O objetivo principal do evento era demonstrar não só para o público, mas também para os próprios pacientes que seus corpos visualmente diferentes, possuíam força e funcionalidade, ao contrário do que muitos pensavam. A partir desse período e com o passar do tempo, a procura e a inserção de atividade física no plano de reabilitação e tratamento de pacientes com algum tipo de deficiência, motora ou psíquica, tornava-se fundamental.

Atualmente a prática regular de atividade física tornou-se fundamental, trazendo inúmeros benefícios, tanto como na parte motora do deficiente quanto na psicológica, aumentando autoestima e mudando sua imagem corporal sobre si, trazendo de volta a sensação de prazer e bem-estar ao se olhar por inteiro novamente.

2.3 ESPORTE ADAPTADO: INCLUSÃO DO DEFICIENTE FÍSICO NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

No Brasil de acordo com dados não oficiais sobre o assunto, apontam que apenas 10% das pessoas com deficiência praticam alguma atividade física regularmente (SOLER, 2005; GUTIERRES FILHO et al., 2010).

Com a iniciativa de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, moradores do Rio de Janeiro e São Paulo, após ambos ficarem deficientes em decorrência de acidentes, acontece o início da prática do desporto no país. Del Grande e Robson saíram a procura dos serviços de reabilitação, tão falados nos Estados Unidos nos anos de 1950.

Notam-se que o serviço de reabilitação no Estados Unidos tinha como propósito no programa de reabilitação algum tipo de atividade esportiva, divididas em basquete, natação, arco e flecha ou arremesso de disco e dardo.

Ao retornar ao Brasil, Del Grande funda um clube de paraplégicos em São Paulo, e em 6 de dezembro de 1959 o Clube dos Paraplégicos de São Paulo embarca para Buenos Aires e dá início aos primeiros contatos, no campo esportivo e social, entre as pessoas portadoras de deficiência de dois países. Em 1960, o Clube dos Paraplégicos de São Paulo participa do 1º campeonato mundial realizado em Roma (ARAÚJO, 1997 s/p).

Ainda o mesmo autor, ressalta que com a alta crescente, e a busca da pessoa com deficiência física por atividades esportivas, várias entidades de deficiências e afins foram criadas, e atualmente compõem o Comitê Paraolímpico. Entre elas estão: Associação Brasileira de Desportos para cegos - ABDC, Associação Brasileira de Desportos para Amputados - ABDA, Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas - ABRADECAR, Associação Nacional de Desportos para Deficientes Mentais - ABDEM. Estas, são algumas entre muitas outras associações que apoiam a iniciação e o desporto de alto rendimento no país.

Todas essas entidades têm como meta principal, incentivar o esporte para pessoas com deficiência e assim organizar competições à níveis, regionais, nacionais e internacionais, e junto com o Comitê Paraolímpico Brasileiro a participação das equipes nas Paraolimpíadas. Desde 1980, a atividade física para a pessoa com deficiência se expandiu muito, e consigo trouxe a evolução da área adaptada nos esportes, fazendo assim com que as empresas criassem e desenvolvessem próteses, cadeiras de rodas e materiais cada vez mais resistentes e tecnológicos para a prática esportiva.

Atualmente o Brasil vem sendo bastante representado nas grandes competições internacionais, com nomes como: Daniel Dias (natação), André Brasil (natação), Clodoaldo Silva (natação), Ádria Santos (atletismo), Luiz Cláudio Pereira (atletismo), Odair Santos (atletismo) entre outros paratletas, (COB, 2021).

Em geral a partir desses acontecimentos, pode-se compreender melhor que a integração dessas pessoas por meio do esporte se tornou uma grande realidade. Cruz (1996), a integração encontra-se presente, de uma maneira geral, nos programas voltados à pessoa portadora de deficiência física, aparecendo como objetivos gerais. E, para isso, envolvendo esforços de toda a sociedade.

Enfim, com todo esse processo e barreiras enfrentadas ao longo do tempo, a percepção sobre a pessoa com deficiência mudou, e vem mudando bastante, tendo como base a inserção desde cedo em programas de atividades físicas escolares, infraestrutura arquitetônica em parques, cinemas, *shoppings* para melhor locomoção, pratica regular de atividade física em academias, clubes e em programas de inserção ao esporte de alto rendimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Baseado no estudo realizado, pode-se perceber que por gerações a pessoa com deficiência física era totalmente excluída de viver, sendo julgada até mesmo pelos laços de sangue, passando por lugares de enclausuramento ou até mesmo julgadas a morte por serem diferentes dos demais. Por meio de tantos julgamentos injustos sobre suas aparências e condições físicas, aos poucos conseguiram seu espaço, mostrando a todos que por terem corpos anômalos não eram diferentes e nem frágeis perante a sociedade.

Diante dos resultados obtidos pode-se concluir que a prática esportiva não devolve só apenas a forma física as pessoas com deficiência física, mas também o poder da autoimagem e a confiança perdida durante o processo de reabilitação dos mesmos. Se torna também algo essencial na inclusão à sociedade, assim como, no mercado de trabalho, onde foi possível notar cada vez mais pessoas com algum tipo de deficiência em cargos que antes eram ocupados por pessoas julgadas "normais".

Diante desse contexto, concluiu-se que os estudos feitos há décadas atrás foram de extrema importância para os dias de hoje, tanto no processo de reabilitação, usando a prática esportiva como uma ferramenta indispensável quanto na qualidade de vida dos mesmos,

devolvendo assim a alegria de viver sem se sentir inferiorizado em quaisquer circunstâncias da vida.

4. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil**. São Paulo, SP: Phorte, 2011.

ARANHA, Maria. S. F. **Integração social do deficiente: análise conceitual e metodológica**. *Temas em Psicologia*, n° 2, pp. 63- 70, 1995.

ARISTÓTELES. **A. política**. Tradução de Nestor Silveira Chaves. São Paulo: EDIPRO 1995.

COMITÊ PALAOLÍMPICO BRASILEIRO. Disponível em:
<https://www.cpb.org.br/modalidades/60/volei-sentado>. Acesso em: 15 de outubro 2021.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 03, p. 27-42, 2004. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/236/238>. Acesso em: 17 março 2021.

CRUZ, G. C. de. **Classe especial e regular no contexto da educação física: segregar ou integrar?** 1996. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

DARCY, S.; LEGG, D. **A brief history of the Paralympic Games: from post- WWII rehabilitation to mega sport event.**, 2016. Disponível em: <https://theconversation.com/a-brief-history-of-the-paralympic-games-from-postwwiirehabilitation-to-mega-sport-event-64809>. Acesso em: 03 abril 2019.

FONSECA, V. da. **Educação Especial: programa de estimulação precoce - uma introdução as ideias de Fuerstein**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GUTIERRES FILHO, P. et al. Revisão sistemática da produção científica relacionada à qualidade de vida e atividade física de pessoas com deficiência visual. **Rev. Digital Buenos Aires**, v. 14, n. 142, 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd142/atividade-fisica-de-pessoas-com-deficiencia-visual.htm>. Acesso em: 15 março 2021.

GUTTMANN, L. Organisation of spinal units: History of the national spinal injuries centre, Stoke Mandeville hospital, Aylesbury. In: Proceedings of the Annual Scientific Meeting of the Society held at Stoke Mandeville Hospital, **Aylesbury**, 27th to 29th July 1967. p. 115-126,

1967. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/sc196714.pdf?origin=ppub>>. Acesso em: 03 abril. 2019.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.; MENEZES, R. P. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 27, n. 04, p. 583-596, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n4/v27n4a07.pdf>. Acesso em 10 março 2021.

PESSOTI, I. **Deficiência mental: da superstição à ciência**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

PLATÃO. **A república**. Traduzido por Maria Helena da Rocha Pereira. 6.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SILVA, O. M. da. **A Epopéia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. São Paulo: CEDAS, 1986.

SOLER, R. **Educação física inclusiva na escola: em busca de uma escola plural**. Rio de Janeiro: Sprint, 2005.